



Este artigo está licenciado sob uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Você tem direito de:

Compartilhar — copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato.

Adaptar — remixar, transformar, e criar a partir do material para qualquer fim, mesmo que comercial.

De acordo com os termos seguintes:

Atribuição — Você deve dar o **crédito apropriado**, fornecer um link para a licença e **indicar se mudanças foram feitas**. Você deve fazê-lo em qualquer circunstância razoável, mas de maneira alguma que sugira ao licenciante a apoiar você ou o seu uso.

Sem restrições adicionais — Você não pode aplicar termos jurídicos ou medidas de caráter tecnológico que restrinjam legalmente outros de fazerem algo que a licença permita.



This article is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 Unported International.

You are free to:

Share — copy and redistribute the material in any medium or format.

Adapt — remix, transform, and build upon the material for any purpose, even commercially.

Under the following terms:

Attribution — You must give **appropriate credit**, provide a link to the license, and **indicate if changes were made**. You may do so in any reasonable manner, but not in any way that suggests the licensor endorses you or your use.

No additional restrictions — You may not apply legal terms or technological measures that legally restrict others from doing anything the license permits.

Ideologia da política externa: sete teses idealistas

Paulo Roberto de Almeida*

*Le canon a tué le féodalisme.
L'encre à écrire va tuer la société moderne.***
Napoleão

A reflexão irônica de Napoleão – já imperador, solidamente instalado no comando de seu império europeu e exercendo plenamente o poder – era dirigida, não sem ironia e desdém, contra aqueles que começavam a ser designados, segundo a expressão então cunhada por Destutt de Tracy, pelo conceito de *ideólogos*. Para Napoleão, esses *litterati nouvelle manière* – que de maneira otimista ou ingênua, acreditavam que poderiam influenciar a política dos príncipes – viviam concebendo grandes projetos de reforma da sociedade sem qualquer embasamento na realidade ou sem atender um mínimo compromisso com a coerência.

A situação não modificou-se substancialmente desde aqueles dias e a classe dos *ideólogos* – uma subespécie da categoria mais ampla dos trabalhadores intelectuais – proliferou de maneira extraordinária na era contemporânea. Alguns ideólogos consideram-se a si mesmos “intelectuais independentes”, muito embora vários deles sejam propensos a trocar voluntariamente essa condição pela carreira mais emocionante de “conselheiro de príncipes” (desde, é claro, que estes últimos estejam dispostos a ouvi-los e a acatar seus conselhos aparentemente sensatos e descompromissados).

De certa forma, os diplomatas constituem, no plano da política externa, os ideólogos dos estados modernos. Eles estão sempre procurando soluções inovadoras a velhos e novos problemas das relações internacionais, combinando propostas singelas de melhoria da situação mundial com a expressão mais imediata dos interesses concretos de seus países respectivos. Ao fazê-lo, ele operam um *mélange* de *Idealpolitik* com *Realekonomik*, o que não deixa de representar uma aplicação ponderada da tradicional receita de equilíbrio entre os requerimentos de mudança e as pressões do *status quo*.

* **Diplomata de carreira. As opiniões expressas neste artigo são veiculadas a título pessoal e não expressam os pontos de vista do Ministério das Relações Exteriores do Brasil.**

** **O canhão matou o feudalismo. A tinta de escrever vai matar a sociedade moderna.**

MERIDIANO
47
NO

ISSN 1518-1219

Boletim de Análise de
Conjuntura em Relações
Internacionais

Nº 17
Novembro – 2001



INSTITUTO BRASILEIRO DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Ideologia da política externa: sete teses idealistas

Paulo Roberto de Almeida

Pós 11 de setembro de 2001
(II) – Fortalecimento de novo
paradigma de encontro entre
civilizações na Ásia-Pacífico

Paulo Antônio Pereira Pinto

O terrorismo islâmico e o
conflito israelo-palestino

Carmen Lícia Palazzo

Liberdade Duradoura:
A Primeira Fase

Cristina Soreanu Pecequillo

Mercosul e os interesses de
Cavallo

Luiz Alberto Moniz Bandeira

O 11 de Setembro: Novas
Ameaças à Paz

Clóvis Brigagão

Back to the Future – Relações
entre a União Européia e a
África sob o signo do
neoliberalismo

Wolfgang Döpcke

Relembrar Braudel

Virgílio Caixeta Arraes

Relembrar Braudel

Virgílio Caixeta Arraes*

No início do novo século, muitos acadêmicos reservavam um papel secundário à participação do Estado na economia política internacional, dado que a liberalização dos mercados, talvez a característica mais marcante do processo de globalização, prescindiria mais e mais dos homens de Estado, em favor dos executivos de grandes empresas mundiais, cujo trabalho geraria sempre crescimento e riqueza de modo inexorável.

O atentado terrorista ao World Trade Center, em 11 de setembro, que levou o governo norte-americano a intervir em setores importantes da economia nacional e a concessão do prêmio Nobel de economia a Joseph Stiglitz, “dissidente” da ortodoxia neoliberal dos organismos internacionais, demonstram que o capitalismo acompanha-se do Estado muito mais do que os entusiastas do livre mercado apregoam.

Neste sentido, vale recordar parte do pensamento de um dos maiores historiadores do século XX, Fernand Paul Braudel (1902-85), cuja obra influencia até hoje a análise da história econômica, ou, do próprio capitalismo. Braudel teve um percurso intelectual notável, destacando-se, entre outras atividades, o magistério no Collège de France e, no final da vida, a eleição para a Academia Francesa. Iniciou sua vida professoral na Argélia (1924-32), então colônia francesa. Depois, retornaria a Paris, para, 3 anos mais tarde, lecionar na Universidade de São Paulo, na área de história moderna e contemporânea (1935-37). Naquela época, a USP costumava convidar professores europeus para ministrar cursos. A “missão francesa”, por exemplo, compôs-se de pessoas que se tornariam, posteriormente, renomados

acadêmicos como Claude Lévi-Strauss e Roger Bastide.

No entanto, o conjunto de seu trabalho é que marcaria definitivamente as ciências sociais, *lato sensu*, ao buscar uma nova abordagem para o estudo da história econômica. Várias de suas obras foram publicadas em português, ainda que com atraso, como *Gramática das civilizações*, *Reflexões sobre a história*, *Identidade da França: os homens e as coisas* (póstumo), *A dinâmica do capitalismo*, *Civilização material, economia e capitalismo*. A maior parte destas publicações, afortunadamente, ainda pode ser encontrada.

Discípulo de Lucien Febvre (1878-1956), Braudel inovaria ao colocar de lado o estudo apenas dos grandes acontecimentos e personagens para debruçar-se sobre a análise do cotidiano, ao destacar a vida material e o conjunto das forças obscuras, como a demografia, a fome, a guerra, as doenças, a alimentação, o vestuário, as técnicas etc, que a influenciariam. Para ele, no estudo da nem sempre valorizada história econômica, deveriam participar elementos políticos, geográficos, psicológicos, literários, religiosos, lingüísticos etc.

Assim, trabalharia com três “tempos”: de longa duração, que expressava a relação do homem com seu meio; de média duração, em que analisava a história dos grupos humanos, das formas políticas e econômicas e de curta, em que tomavam parte os eventos e as personagens históricas.

A partir disto, desenvolveria a genealogia do capitalismo, a partir de uma economia de mercado ainda incipiente, e dos seus grandes

* Professor do Departamento de Relações Internacionais da Universidade de Brasília (REL-UnB).

agentes, realçando suas características, uma das quais a de que capitalismo e Estado estariam sempre juntos, fosse como aliança ou exploração daquele sobre este. Desde as cidades-Estados da península italiana, as elites do dinheiro é quem detinham o poder político.

Braudel cria nas virtudes do mercado, mas não a ponto de interpretá-lo como um *deus ex machina*, ou seja, um ajustador da oferta e da demanda, porquanto na vida real, poder-se-ia manipulá-lo com a atuação de monopólios ou cartéis.

Preocupar-se-ia também com o desenvolvimento econômico de outras regiões fora da Europa como China, Japão, Índia e Islã e as hipóteses por que estas não chegaram ao capitalismo no mesmo período que a Europa Ocidental, como a hostilidade governamental a formas superiores de trocas ou a satisfação tácita da sociedade com a circulação capilar dos mercados elementares.

Em contraposição à inviolabilidade da propriedade privada, admitida no Ocidente até pela Igreja Católica, nestas regiões, por via de regra, o Estado ou o governante era o proprietário das terras, cedidas em vida ao seu funcionário ou leal súdito, sem herdade em hipótese alguma. Destarte, não haveria então as condições sociais para o surgimento e o posterior êxito do capitalismo, que demanda certa fraqueza ou complacência do Estado.

De seus estudos, um dos conceitos mais importantes é o de economia-mundo, o qual significava um espaço geográfico, com um centro,

que podia ser, de início, uma cidade-Estado, como Amsterdã, no século XVII, e, atualmente, uma capital econômica, como Nova Iorque, nos EUA, e não Washington.

O núcleo sempre atrai a riqueza, o esplendor, as indústrias mais desenvolvidas e lucrativas e a agricultura mais desenvolvida. É o ponto de partida e de saída dos fluxos financeiros e materiais. Além dele, há as áreas intermediárias e periféricas.

Braudel apontaria 6 centros: Veneza, Antuérpia, Gênova, Amsterdã, Londres e Nova Iorque. Com a capital britânica, ocorreria uma virada da história econômica da Europa que foi a superação das antigas cidades-Estados. Pela primeira vez, a economia européia rumaria a dominar a economia mundial, com o auxílio da assunção do desenvolvimento tecnológico da primeira Revolução Industrial.

Em suma, a economia-mundo seria a coexistência de inúmeras sociedades, mais ou

menos avançadas, em que as zonas centrais dependeriam dos abastecimentos das periféricas, que necessitariam das demandas daquelas, que lhe ditariam o ritmo.

São teses polêmicas, mas o próprio Braudel afirmou que, em suas obras, ele abriu uma janela para a paisagem (econômica), que poderia não ser suficiente. Haveria sempre para os historiadores, como ele mesmo lembrava, uma América a percorrer e a revelar. Portanto, a visão neoliberal da economia política atual mostra-se insuficiente em sua compreensão do mundo.

“Braudel cria nas virtudes do mercado, mas não a ponto de interpretá-lo como um deus ex machina, ou seja, um ajustador da oferta e da demanda, porquanto na vida real, poder-se-ia manipulá-lo com a atuação de monopólios ou cartéis.”

